

**MEMÓRIAS E IDENTIDADES: NARRATIVAS DE
EDUCANDOS/AS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO
TRATO COM A HISTÓRIA LOCAL DE UMA COMUNIDADE
RURAL¹⁴⁷**

Maria Lígia Isídio Alves
UFPB
ligia.isidio@gmail.com¹⁴⁸

Severino Bezerra da Silva
PPGE/UFPB
severinobsilva@uol.com.br¹⁴⁹

RESUMO

O artigo constitui-se como um recorte de uma pesquisa de mestrado (PPGE/UFPB) em que se abordou a história local como expressão das experiências sociais e cotidianas e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como espaço possível de perceber e escrever história, explorando a história do “lugar”, permeada de culturas, vivências, saberes, subjetividades e memórias, e apresenta como objetivo refletir acerca de narrativas dos educandos/as da EJA de uma comunidade rural que re-(a) apresentam histórias, contextos e identidades, revelando aspectos da história local e memória social comunitária. Percebemos que a história local se faz permeada de marcas relacionais e identitárias, ou seja, a realidade local não se autoexplica por si só, se processando a partir das identidades locais/regionais, nacionais e globais, e estabelecendo constantes articulações entre si.

Palavras-chave: Memórias; História Local; EJA; Identidades.

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se como um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade

¹⁴⁷ Texto para apresentação no simpósio temático 7 : Ensino de História e identidades regionais, X Semana Nacional de História da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG) no campus do Centro de Formação de Professores (Cajazeiras – Paraíba) entre 17 e 21 de setembro de 2018.

¹⁴⁸ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba/ Membro do Observatório da Educação Popular – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão – PPGE/UFPB. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

¹⁴⁹ Professor Doutor Associado da Universidade Federal da Paraíba/Departamento de Metodologia da Educação/Centro de Educação/ Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação / Coordenador do Observatório da Educação Popular – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão – PPGE/UFPB.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFPG

Federal da Paraíba (PPGE/UFPB) que se propôs a compreender o processo de interatividade de saberes nas práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir do uso do livro didático (ALVES, 2017).

No tocante a abordagem metodológica o estudo se ancorou na pesquisa qualitativa, evidenciando diretamente os sujeitos em seus cotidianos, subjetividades, histórias e saberes e, sobretudo, as relações que estabelecem com as dinâmicas do meio em que vivem. O procedimento metodológico foi estudo de caso. No âmbito da pesquisa foi possível evidenciar a história local como expressão das experiências sociais e cotidianas e a EJA como espaço possível de perceber e escrever histórias, explorando a história do “lugar”, permeada de culturas, vivências, saberes, subjetividades e memórias.

De maneira específica, apresentaremos apontamentos oriundos de Observação Participante das práticas pedagógicas da EJA em uma escola pública do município de Lagoa de Dentro (PB), localizada numa comunidade rural. No momento da observação, percebemos situações em que a professora recorria a outras fontes para além do livro didático, tais como as memórias e narrativas dos educandos, bem como cordeis que versavam acerca de elementos referentes à história e a cultura local. Considerando que a EJA tem, dentre seus princípios, a compreensão da importância de construir práticas educativas articuladas aos cotidianos educandos e suas experiências históricas, culturais e sociais, começamos a nos inquietar a respeito da articulação entre a história local e a EJA, partindo, principalmente, das memórias dos educandos.

Observamos, ainda, que os alunos jovens e adultos que estavam no espaço da EJA eram os mesmos sujeitos que ocupavam outros espaços como, por exemplo, em iniciativas de economia solidária tendo em vista que o município de Lagoa de Dentro – PB conta com iniciativas de economia solidária como um Banco Comunitário de Desenvolvimento de Lagoa de Dentro- BCLD e Feira de Economia Solidária, Agricultura Familiar, Arte e Cultura de Lagoa de Dentro – PB. Passamos a questionarmos, então: de que maneira o ensino da EJA tem dialogado com as experiências e vivências dos educandos? De que maneira as experiências de tais sujeitos podem ser apropriadas nas aulas na EJA de modo a servirem de pedra de toque para o trato com aspectos da história local e problematização da realidade social, econômica e política na qual se inserem?

Mediante tais problematizações, o presente texto tem como principal desafio, refletir acerca de narrativas dos educandos/as da EJA de uma comunidade rural que re-(a) apresentam histórias, contextos e identidades, revelando aspectos da história local e memória social comunitária. Centraremos nossas análises em algumas ações empreendidas pela professora no que se refere ao trato com a história local, para compreendermos como as memórias e relatos dos educandos da EJA podem contribuir para os debates referentes a aspectos do local, nesse contexto. Nesse sentido, uma questão que merece destaque refere-se aos subsídios utilizados pela professora da EJA para desenvolver a prática pedagógica, os quais não se restringiam apenas a uso do livro didático (EJA Moderna)¹⁵⁰.

A partir do momento que são trabalhadas temáticas sociais relevantes que ultrapassam ou ressignificam os conteúdos apontados pelo livro didático por parte da professora junto aos seus educandos, denominamos esse processo como *criações pedagógicas alternativas*, as quais se apresentam como imprescindíveis no processo de desenvolvimento de situações de ensino e aprendizagem contextualizadas, que tentam criar condições para a dimensão interativa entre diferentes saberes, sem hierarquias que desqualificam as diferentes formas de conhecer/saber (ALVES, 2017).

Essas criações pedagógicas alternativas viabilizaram desenvolver, por exemplo, atividades a partir do uso da literatura de cordel para abordar as questões relacionadas a vida dos educandos; trabalhar a história da comunidade local partir de depoimentos orais (narrativas), histórias e memórias dos/as educandos/as sobre suas vivências em relação a história local.

DE QUAL CONCEPÇÃO DE EJA FALAMOS

Conduzimo-nos pelo sentimento de busca pelo sentido da escola, o que nos leva a reconhecer a dimensão sociocultural da educação, de modo que a esta seja entendida como espaço de construção, reelaboração e vínculo com seu entorno social, e não exclusivamente de transferência de conhecimentos sistematizados. Nesse sentido, torna-

¹⁵⁰ O livro didático adotado pela turma era o livro didático EJA Moderna, volume 01, organizado pela Editora Moderna, sob a responsabilidade editorial de Virginia Aoki, o qual vem sendo adotado em uma turma multisseriada (alfabetização e pós-alfabetização) da EJA. A primeira edição desse livro data de 2013 e seu conteúdo se estende por 207 páginas. Faz parte do Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA), conforme foi possível evidenciar no catálogo do Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA referente ao triênio 2014/2015/2016 (BRASIL, 2014).

se primaz estabelecer um diálogo da escola com a comunidade, configurando-se num comprometimento com a identidade coletiva, territorialidades, historicidades, memórias e, sobretudo, os saberes dos sujeitos que chegam/estão na EJA e ocupam diversos espaços do local, experienciando processos que se constroem no âmbito do território das organizações sociais populares, da luta camponesa, da agroecologia, da economia solidária, dentre outros.

Dentre as responsabilidades da EJA evidenciamos o desenvolvimento de práticas e processos educativos que se vinculem ao mundo da vida, das dinâmicas culturais e locais de uma comunidade, muitas das vezes não problematizados. Tais saberes constituem espaços privilegiados ao processo intersubjetivo, de compreensão compartilhada, identitário e de pertencimento (JOVCHELOVITCH, 2011), especialmente, de uma comunidade escolar constituído por sujeitos da EJA de uma escola rural. Deve-se levar em consideração, portanto, “[...] as percepções do mundo, da sua história, do seu próprio papel na história, partir do que sabe para poder saber melhor, e não partir do que sabemos ou pensamos que sabemos” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995, p. 55).

Assim, se faz importante considerar as histórias e os saberes que circundam as práticas pedagógicas da EJA, os quais se relacionam simultaneamente. Referimo-nos ao encontro entre saberes elaborados e sistematizados nos livros didáticos como reflexo de saberes escolares formais e os saberes populares, frutos das experiências de vida- interpretação própria da realidade vivenciada pelos educandos e professores.

O campo da EJA se fortalece ao encorajar a investigação, superando os limites das histórias e memórias apresentadas por meio dos livros didáticos e da lógica da educação bancária, por exemplo.

Nossas reflexões se constituem enquanto tentativa de pautar a necessidade de pensar de modo às práticas da EJA tem se relacionado à realidade existencial dos seus sujeitos, bem como tem dialogado com a história local, de modo a perceber a histórica como possibilidade a partir das relações que estabelecem com o seu mundo humano, histórico, social, cultural.

HISTÓRIA LOCAL: SABERES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A EJA é aqui concebida como um espaço favorável a desenvolver práticas educativas comprometidas com a construção de relações entre fatos e situações com diferentes sujeitos a partir do processo histórico, sobretudo, a partir da ação que essas pessoas desenvolvem junto aos múltiplos espaços e temporalidades.

O desafio é considerar nas práticas pedagógicas da EJA a diversidade de fontes históricas e linguagens, traduzindo-as em recursos para o trabalho com educandos/as, de modo a ultrapassar os limites do que está prescrito, suscitando alternativas dotadas de elementos subjetivos e históricos que, muitas vezes, são negligenciadas.

Assim, a história precisa ser compreendida numa perspectiva dialógica e problematizadora, criando condições à consciência história, considerando nesse processo as memórias e narrativas dos educandos, as quais são explicitamente designadas ao silêncio pela concepção tradicional da história.

Faz-se necessário pensar o local e os sujeitos desses espaços como sujeitos históricos, compreendendo os jovens, adultos e idosos como produtores históricos. Nesse caminho, a história local apresenta-se como alternativa que permite a construção de uma história aberta à pluralidade que não desconsidere as especificidades, subjetividades, diversidades regionais, locais e culturais.

No entanto, nos atentamos a necessidade de tomar como ponto de partida aspectos da vida cotidiana e as dinâmicas locais que permitam construir chaves de leitura e estabeleça relações, mas ainda como preciso problematizar a história numa dimensão mais ampla. Diante das contradições que permeiam as concepções de história local e o processo histórico em sala de aula nessa perspectiva, é importante nos atentarmos de modo a

[...] estudar a localidade, sem perder de vista suas relações com um processo maior. Pois, é possível uma aproximação temporal e espacial entre as realidades distintas; aproximar determinada época/fato/processo com a realidade mais imediata, pois, dessa forma, podemos descobrir como as pessoas se relacionavam, como viviam em grupo e estabelecer relações com o presente (SOUSA; SILVA, 2017, p. 89)

Desse modo, “[...] a história local se apresenta como recorte teórico-metodológico que busca evidenciar a ação dos grupos excluídos socialmente” (SOUSA; SILVA, 2017, p. 91) que é o caso dos educandos da EJA que em sua maioria não tiveram acesso ao direito à educação na idade pautada nas diretrizes educacionais.

POR UM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA LOCAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Questionamos-nos: Será que a EJA tem dialogando com as memórias, saberes e vivências dos sujeitos? De que maneiras as discussões no campo da história local podem contribuir para a construção de práticas educativas no âmbito da EJA na perspectiva problematizadora frente às demandas dos contextos locais, experiências e necessidades dos grupos com os quais se relaciona?

No movimento analítico que construiremos, o ensino de história local se dá enquanto alternativa de ensino e aprendizagem na EJA, considerando-o como processo que revela aspectos identitários e de encontro com a memória social comunitária,

Enquanto elemento constitutivo da *transposição didática* do saber histórico em saber histórico escolar, tendo como referência a perspectiva da prática social, a História Local pode ser vista como uma estratégia de ensino. Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção e a compreensão do conhecimento histórico, a partir de proposições que tenham a ver com os interesses dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, sua vivência cultural, com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos. (SCHMIDT, 2007, p. 190, grifos da autora)

Nesse movimento de transposição didática de saberes em que o conhecimento histórico é compreendido em diálogo com a prática social e humana como parte do processo histórico merece destaque as práticas pedagógicas que foram desenvolvidas na turma da Educação de Jovens e Adultos na tentativa de ir além dos conteúdos apresentados pelo livro didático (EJA Moderna), pois, recorria ao uso de outras fontes históricas para trabalhar a história da comunidade local, por exemplo.

Não havia nenhum material didático para a EJA no município de Lagoa de Dentro-PB que abordasse a história local, mas a partir da necessidade do grupo, os depoimentos orais (narrativas), histórias e memórias dos/as educandos/as sobre suas vivências em relação à história local foram consideradas pela professora e nesse movimento as aulas na EJA se caracterizavam como espaços investigação.

Destacamos uma das aulas que se pautou em problematizar a história local da comunidade rural Gravatá - espaço em que a escola estava situada e território que os educandos residiam. Nesse sentido, a professora teceu alguns questionamentos a fim de ouvir dos alunos o que conheciam da história de sua comunidade. A intenção era escutar e também levar os educandos/as a interagir entre si a partir de questões como: O que

conhecem da história da comunidade? Quem conhece? O que um sabe e os outros colegas ainda não conhecem e assim por diante.

O interesse da professora foi de propiciar um momento em que os educandos retratassem, socializassem e partilhassem saberes, favorecendo a ressignificação do que já sabiam sobre a comunidade, assim como a reflexões a partir dos novos elementos emergentes a partir das trocas realizadas em sala de aula.

Esse momento favoreceu que os educandos adultos e idosos falassem a partir dos seus saberes, muitos deles adquiridos por meio das histórias contadas pelos seus avós, pelos próprios pais ou pessoas mais antigas da comunidade como ex-professoras, comerciantes, aqueles que costumavam rezar na igreja de São Sebastião que é bastante antiga na comunidade e também sobre os que organizavam e incentivavam as apresentações de *babau* (teatro de bonecos) na comunidade. Já os educandos mais jovens ouviam e questionavam situações apresentadas nas histórias narradas pela professora e demais.

Um elemento que percebemos é que alguns conheciam muito pouco ou “nada” da história do seu lugar e expressavam interesse em conhecer e saber mais. Ficou evidente que os educandos que têm mais idade têm mais experiência e contam versões de histórias de outros antigos que ali viveram e o que costumavam fazer.

A partir dos dizeres do grupo de educandos/as da EJA, é perceptível que a origem do lugar, da comunidade Gravatá, deu-se a partir da quantidade significativa da planta conhecida como Gravatá que nasceu naquela localidade. É uma planta que coloca um fruto que, segundo eles, já matou a fome de muitos que por ali viveram antigamente. Ainda complementam que até hoje no “Tanque Grande”¹⁵¹ existe uma pequena concentração da planta Gravatá.

Diante do desconhecimento, por parte de certos educandos, e a importância em explorar as origens da comunidade, a professora sugeriu a visita ao “Tanque Grande” onde ficam as plantas Gravatá ainda sobreviventes. Como já enfatizava Freire,

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da

¹⁵¹ “Tanque Grande” é um tanque feito de pedras, localizado na própria comunidade (perto da escola pesquisada, porém ainda desconhecido por alguns dos educandos), onde as pedreiras/lajes servem como reservatório de água das chuvas durante um bom tempo (em tempos mais remotos, as pessoas bebiam água desse lugar e até hoje outras o procuram para lavar roupas) e em cujas proximidades podemos encontrar a planta Gravatá.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de *universo temático* do povo ou o conjunto de seus *temas geradores*. (FREIRE, 2011, p. 121).

A visita ao “Tanque Grande” foi um momento rico para que o grupo conhecesse com mais profundidade as raízes da história do seu lugar. Chegando ao lugar, alguns relataram que já o conheciam, mas nunca tinha visto a planta Gravatá. Na ocasião, localizaram outra planta semelhante ao Gravatá, que é o agave, também encontrado nas redondezas. O agave usado para produção do sisal se difere por sua cor acinzentada e, às vezes, brota flores; já o Gravatá possui um verde intenso em suas palmeiras, conforme representados na Figura 01 a seguir:

Figura 01 - Explorando a história local - visita de campo ao “Tanque Grande” na comunidade Gravatá - reconhecendo a planta gravatá



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Agosto, 2016).

É pertinente apresentar as situações pedagógicas que se configuraram em práticas que levaram em conta a realidade dos educandos jovens, adultos e idosos, resultando na participação destes no processo de ensino e aprendizagem.

Outra prática desenvolvida nessa perspectiva refere-se ao trabalho de leitura e criação com a literatura de cordel. Os cordéis apresentados retratavam a importância da

água no semiárido e das cisternas nos lugares de longos períodos de seca, além do valor da segurança alimentar e dos cuidados com a água e seus armazenamentos no processo de convivência com o semiárido, entre outros, conforme exposto a seguir.

Figura 02: Livretos de cordéis produzidos por José Rogaciano Siqueira de Oliveira – Associação no Semi-Árido Brasileiro (ASA)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Maio, 2016).

Foi possível notar que ler, dialogar e construir cordéis sobre a importância da convivência com o semiárido contemplam questões como a resistência e o fortalecimento para a convivência com este território, estimulando, especificamente, um debate em sala de aula sobre as problemáticas da seca e os cuidados com a água e seus armazenamentos em seu contexto.

É interessante como os educandos/as da EJA reavivam as histórias e memórias, relembando-se dos árduos tempos de secas e as dificuldades que enfrentaram junto com seus familiares e vizinhos quando em suas casas não dispunham de cisternas; falam sobre a infância e adolescência “sofrida”, pela falta de condições de armazenamento de água, nos tempos de chuva, e pelo fato de que, na seca, precisavam se deslocar por quilômetros para encontrar água para saciar a sede e cozinhar. Além das conversas e leitura dos trechos e xilogravuras os educandos criaram seus próprios versos em seu caderno retratando memórias e elementos de sua identidade. Vê-se o diálogo que os cordéis possibilitaram para retratar as questões sociais emergentes da comunidade.

Trabalhar com o gênero literário cordel é algo de interesse dos próprios educandos, porque, de forma espontânea, a partir dos relatos orais, com uma linguagem simples, despreocupada, regionalizada, bem mais acessível ou até mesmo informal, são feitos os folhetos/livretos. Além disso, envolve a criatividade e possibilita conhecer e

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

explorar suas realidades distintas e semelhantes e também expor, naturalmente, seus modos de vida, o que favorece perceber as diversidades e a riqueza presentes nos grupos, nos contextos, territórios. Ancoram-se também em uma espécie de saber criativo e sem tanta elaboração, configurando-se numa alternativa metodológica para o público da EJA. Nesse caso, o cordel apresenta-se como uma forma criativa de sistematizar diferentes saberes.

A literatura de cordel também conduziu parte das atividades do “Projeto Festas Junina” na turma.

Figura 03: Livretos de cordéis produzidos pelos educandos da EJA



Fonte: Arquivo da pesquisadora (Junho, 2016).

Nesse processo, cada um dos educandos construíram cordéis juninos com títulos específicos que a partir de suas interpretações contemplam as características das festas juninas e retratam as histórias em forma de versos. Dentre esses, contamos com os seguintes cordéis: “A alegria da festa junina”, “Festa de São João”, “Barraca Junina”, “Viva São João!”, “Brincando o São João” e “Brincadeiras e comidas típicas”.

Essas iniciativas de problematizações corrobora com o que Jovchelovitch (2011) coloca sobre a importância em mapear os sistemas de representações locais, os quais, na visão da autora, são constituídos da seguinte maneira:

Um sistema plural e multifacetado de diferentes saberes, práticas e tradições culturais, que envolvem mitologias, crenças populares, saber científico, práticas rituais. Eles são expressivos porque, como atividade humana, têm o poder de representar: eles re-(a)presentam história, contexto e identidade, revelando as histórias e a *memória social da comunidade*, bem como os arranjos sociais e institucionais que definem o contexto em que as pessoas se encontram e ativamente constroem (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 268, grifos nossos).

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

O enfoque refere-se ao processo de dar visibilidade às expressões intrínsecas às dimensões do saber, às estratégias que as pessoas desenvolvem para dar conta do cotidiano e das histórias, tradições e da cultura do seu lugar através da memória social comunitária. Falamos de um entrelaçamento entre os mundos objetivos, subjetivos e intersubjetivos que elas compreendem.

Dessa forma, a memória coletiva se apresenta como parte intrínseca nesse processo identitário, “[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1996, p. 476, grifos do autor).

A partir desse movimento é primaz reconhecer os educandos/as e professores/as da EJA e nesse processo os professores/as tem importante contribuição no sentido de criar condições para trabalhar a partir de outras fontes históricas de modo que as memórias sejam consideradas venham a colaborar com o fortalecimento de uma identidade social coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que apresentamos constituem-se como indagações, aproximações primeiras com a história local e memórias, na tentativa de tecer algumas reflexões não conclusivas, mas, sobretudo, problematizadora acerca da relação da história local como expressão das experiências sociais e cotidianas e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Consistiu em um movimento construído a partir do entendimento que nossas experiências e intencionalidades deixam traços na memória, ao mesmo tempo em que possibilitam novas buscas, trilhar e construir a história por outras nuances, a partir da ação intersubjetiva de conscientização adquirida no movimento prático e reflexivo emergente das práticas educativas e cotidianas.

Percebemos que a história local se faz permeada de marcas relacionais e identitárias, ou seja, a realidade local não se autoexplica por si só, se processando a partir das identidades locais/regionais, nacionais e globais, e estabelecendo constantes articulações entre si.

Nesse ínterim, a prática da problematização apresenta-se enquanto condição favorável a interação e envolvimento, a partir do ponto de vista dos educandos, de modo

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG

a compreender suas historicidades, visões de mundo e saberes, faz-se pertinente à prática pedagógica numa perspectiva dialógica, a qual extrapola os conteúdos prescritos no livro didático, fortalecendo sobretudo a concepção de EJA que apresentamos. Ou seja, as estratégias metodológicas ancorada em princípios da história local apresenta-se possibilidades de comunicação no processo pedagógico da EJA estabelecendo relações entre saberes, historicidades e a cotidianidade dos educandos na tentativa de dialogar com outras dimensões mais amplas, no entanto, sem se prender a prescrições de conteúdos e práticas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Lígia Isídio. **Os saberes nas práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos intitulada: um estudo para além do livro didático.** [dissertação]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba; 2017.

BRASIL. **Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014.** Natal: EDUFRN, MEC/SECADI. 2014. Disponível em: < <http://www.fnnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5346-guia-pnld-eja-2014>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995

JOVCHELOVICH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Trad. de Pedrinho Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Le Goff, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 4ª ed., 1996.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M; GASPARELLO, A.M; MAGALHÃES, M.S. **Ensino de história, sujeitos, saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X. FAPERJ, 2007.

SOUSA, Israel Soares de; SILVA, Severino Bezerra da. **Educação Popular e ensino de História Local.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.